O que representou a vitória de Lula segundo dois interlocutores

Lo que significó la victoria de Lula según dos interlocutores

What Lula's victory meant, according to two sources

Santiago Alcázar

Resumo: o artigo que segue não é um artigo. Impossível resumir o que não existe, mas que vale a pena ler.

Resumen: *El artículo que sigue nos es un artículo. Imposible resumir algo que nos existe, pero que vale la pena leer.*

Abstract: *The following article is not an article. It is impossible therefore to write a summary of something that does not exist. Nevertheless, it is worth reading it.*

M e T são nossos velhos conhecidos. Não é preciso apresentá-los. Costumam encontrar-se em um café, sempre diferente, para discutir sobre todos os assuntos – *do paleolítico ao conceitual*, como diz um deles, não lembro qual. Hoje os encontrei por acaso no Café Lucas, nem tão novo que cheire a pintura, nem tão velho que reclame reformas. Estavam sentados numa das poucas mesas disponíveis. O Café Lucas sempre está cheio. Um deles me viu, à distância não vejo bem, e acenou para que me aproximasse, o que fiz esquivando garçons, cadeiras e mesas. Cumprimentos, apertos de mão acompanhados de sorrisos, exclamações e convite para me juntar a eles. Acedi e pedi a uma garçonete que passava com uma travessa cheia de coisas se poderia me conseguir uma cadeira, que não sou daqueles que ficam em pé ao lado de mesa, apoiando-me ora em uma perna, ora em outra, como figurante de *cirque du soleil* ambulante. A moça chegou com uma cadeira desprovida de equilíbrio e não tive mais remédio que pedir que botasse um calço. Quando finalmente tudo parecia em ordem para mim, M e T já haviam iniciado a conversa sem importar-se com as minhas agruras. Devo esclarecer que tanto um quanto o outro são personalidades dominantes, geralmente falam como se estivessem ditando instruções, não admitem ser interrompidos por gente de fora e quase nunca concedem interrupções, a não ser que seja caso de polícia ou de bombeiros. Foi mais ou menos assim a conversa dos dois:

T – Sim, totalmente de acordo. A eleição do Lula foi extraordinária por seu significado no Brasil e fora do Brasil. Há uma espécie de alívio generalizado, como se a ameaça que pairava sobre nós se desfez em esperança, a velha esperança, sumida, que decidiu voltar e impor-se nestes tempos de poucas certezas e muitas maluquices.

M – É quase irônico como a vitória do Lula soma-se à derrota de Trump, pois essa também foi extraordinária e, creio, também tem impacto mundo afora. Os americanos votaram contra o que o Trump representa. Os democratas ganharam as duas casas, mas o que chama a atenção é a eleição de 7 ou 8 candidatos mais à esquerda no espectro político, chamados de "socialistas" pela mídia.

T – Num país como os EUA, que espirra cada vez que houve essa palavra!

M – Pois é. Isso apenas mostra que há uma mudança em curso. É cedo para dizer o que é, mas é certo que há uma insatisfação generalizada com o modelo político e econômico em vigência. Você lembra daquele imbróglio na UE com o projeto de ter uma Constituição Europeia? Todos os países teriam uma constituição comum em lugar das respectivas. Lembra?

T – Lembro, foi em 2005. Os franceses e os holandeses foram os únicos que disseram não.

M – Exato! O projeto de Constituição Europeia tinha em seu DNA diretrizes para consolidar a economia de mercado, desregulamentada e com austeridade fiscal. O risco de ter especificidades desse tipo inscritas num texto constituicional é a de ficar amarrado para sempre à opção neoliberal. Se eventualmente um partido for eleito para seguir política de investimentos públicos não poderia fazê-lo pela restrição constitucional. Assim, o projeto de Constituição equivaleria a sacramentar o modelo neoliberal e a impedir qualquer contestação. Algo inusitado e absurdo.

T – Felizmente os franceses e os holandeses disseram não naquela ocasião, como agora os brasileiros e os americanos. Ainda que, se mal não recordo, os líderes conseguiram que o projeto fosse aprovado dois anos mais tarde na forma do Tratado de Lisboa, não por meio de plebiscito, mas por manobra parlamentar canalha. Disseram à época, os críticos, que o Tratado de Lisboa era o projeto rejeitado de constituição, mas açucarado para que fosse mais palatável.

M – A economia de mercado é o bezerro de ouro sobre o qual deve-se jurar fidelidade absoluta! É preciso entender que a Europa em chamas que vemos hoje em todos os jornais é o resultado da crescente insatisfação com as políticas que atendem o mercado e ignoram as demandas sociais.

T – França, Itália, Espanha sofrem com essas políticas de ajustes fiscais impostas, que sacrificam o estado de bem-estar social. Reduzir a presença do Estado, promover a liberdade para que o setor privado avance sobre as conquistas sociais e as privatizem. Estudantes nas ruas reclamam das péssimas condições, prédios arruinados, professores em falta, aposentados preocupados com a redução de direitos. E tudo piorado com a elevação de preços por conta da maldita guerra na Ucrânia e, mais recentemente, a inexplicável guerra contra o Irã.

M – Endividados, utilizam os fundos destinados à educação, à habitação e à compensação de agricultores afetados pela crise climática para pagar juros da dívida.

T – Como aqui no Brasil, onde o pagamento dos juros da dívida representa R$ 1.3 trilhões, equivalente a 9% do PIB.

M – Isso mesmo! Mas, se você incluir a esse montante a amortização da dívida pública, o que se tem é o pagamento de R$ 2.2 trilhões, o que representa aproximadamente 42.2% do orçamento federal. Olha aqui, li outro dia que a porcentagem dos recursos do orçamento federal para a previdência social corresponde a 20.5%, enquanto para a assistência social, saúde e educação correspondem, respectivamente a 5.6%, 4.3% e 3.2%. Eu não entendo como o mercado pode pedir que essas porcentagens sejam reduzidas para conseguir o famoso ajuste fiscal, sem tocar na porcentagem destinada ao pagamento de juros e amortizações. O extraordinário é que a mídia, sempre a mídia, fabricante e distribuidora de narrativas, trata o ajuste fiscal como se fosse uma lei natural, com o mesmo pedigree da lei de gravitação universal. Outro dia ouvi comentaristas dizendo que o Lula tinha que submeter-se à realidade e que não

pode contradizer a matemática. Sobre estas duas últimas afirmações eu teria muito a dizer, mas vou te poupar.

T – Obrigado.

M – De nada. Antes de seguir, vou me permitir um único abuso à paciência estelar que caracteriza você. Economia desacompanhada de política é como aqueles encantamentos de aprendiz de feiticeiro. É somente quando ela se associa à política que surgem os problemas. Submeter-se às expectativas do mercado é como submeter-se à idolatria de um deus caprichoso, condescendente com os que têm mais e cruel com os que têm menos. A política, que é toda feita de escolhas e decisões humanas, decide que uma, entre todas, é a única que pode garantir êxito. O problema é que esse êxito somente o é mediante o sacrifício de muitos em benefício de poucos. Os incríveis avanços que hoje vemos ao redor refletem a pirâmide da desigualdade, hoje mais acentuada e mais cruel. E ainda assim, com todas as desigualdades à vista, há um predomínio do pensamento que santifica o mercado. O que há em nós que tanto nos incomoda a ponto de justificar essas escolhas e decisões?

T – Você notou que a espera está em relação inversa ao lugar que você ocupa na escala social?

M – Como assim?

T – Quanto mais baixo é o seu lugar na pirâmide social, maior é a sua espera. Por exemplo, se você vive em uma comunidade desprovida de tudo, a espera para alcançar benefícios sociais é grande. Se, ao contrário, você estiver no topo, o corte de luz, ainda que por pouco tempo, tem que ser reparado imediatamente sob pena de multas e sanções. Ou seja, a espera é menor.

M – Você acha que a pirâmide é a figura geométrica que melhor define a situação social?

T – É a que melhor define a injustiça, que é resultado de escolhas e decisões humanas, não de forças e leis inscritas no código da natureza. As manifestações na Europa, o “não” dos eleitores brasileiros e norte-americanos é justamente o sinal de que a pirâmide não serve mais. É preciso construir uma sociedade mais humana, porque estou convencido que as escolhas e decisões da política de mercado desumanizam. Retiram, em outras palavras, camadas de humanidade para nos tornar robôs, obedientes, acríticos, felizes com o que o mercado nos dá, insensíveis para o que não tem que ser visto, ouvido ou falado.

M – Perfeito! Você hoje está inspirado.

T – O genocídio em Gaza é um exemplo. Como não perceber que o genocídio não seria possível se a sociedade que apoia o Governo genocida não estivesse ela mesma narcotizada, imbecilizada, insensível à desumanização em andamento? Porque é preciso não se iludir. A desumanização não é algo que pode ser escondido debaixo do tapete, como se não existisse. É ela que nos faz terríveis e é contra ela que temos que nos ater para saber se vale ou não a pena viver.

E você não diz nada? pergunta M referindo-se a mim, pego de surpresa com a pergunta no momento em que dou o primeiro sorvo no café que me trouxeram. Como sempre acontece, traguei apressado, engasguei, tossi e não pude dizer nada. O olhar de M dirigiu-se então a T e disparou:

M – Ele é sempre assim. Não fala. Não importa. Falemos nós, que nos conhecemos. O Lula está indo para a COP-31, em Antália, que conheci há uns anos. Cidade simpática. Lula vai fortalecido. Será a voz dos que disseram “não” às decisões que geram insatisfação generalizada em toda parte. Ele leva debaixo do braço os dois mapas de caminho, construídos pelo Brasil de maneira voluntária, uma vez que não houve consenso durante a COP-30, em Belém, do Pará. O primeiro refere-se a uma proposta concreta de pôr fim ao desmatamento. O segundo, tem a ver com a redução da dependência dos combustíveis fósseis. São mapas de caminho, sugestões de como seguir adiante, de maneira que todos possam segui-lo, de maneira justa e equilibrada, sem deixar ninguém para trás, com vistas a reduzir as inequidades. Não há garantia de que sejam abraçados por todos, mas é um forte sinal de confiança no multilateralismo, o único caminho para encontrar soluções comuns e sustentáveis para as crises que nos ameaçam. Creio que a voz dos que disseram “não” ecoará de alguma maneira em Antália, porque é impossível ignorar a mudança que está em andamento. Já pensou o que seria se de dentro na delegação americana surgisse esperança com alguma sinalização de que a mudança climática é algo real que não pode ser ignorado? Não creio que possam ir além disso, mas já seria um passo gigantesco se comparado ao negacionismo estapafúrdio. Penso na viagem seguinte que Lula fará às Filipinas, para participar da Cúpula da ASEAN, com vistas a adensar as relações entre o Brasil e o Bloco, aumentar o intercâmbio comercial, sempre em busca da diversificação, urgente ante os tarifaços gratuitamente impostos pelo Governo Trump. Isso tudo, sem esquecer que lá para o final de ano, estará no reino encantado de Mar-a-Lago, onde a realidade é suspensa por decreto, para a Cúpula do G-20, quando deverá encontrar-se com Trump, que deverá estar mais comportado, menos flamboyant.

M interrompeu sua fala para tomar um gole de água. T imediatamente tomou a palavra e resumiu a conversa que tiveram. A vitória do Lula representa a esperança dos descontentes com as escolhas e as decisões que sacrificam conquistas sociais em nome de políticas de austeridade fiscal, economia de mercado turbinada por mais desregulamentação. Muito antes que a IA nos ameaçasse com a perspectiva de desumanização, o projeto neoliberal já havia preparado o terreno com a promoção de uma sociedade imbecilizada, incapaz de contrarrestar absurdos como o genocídio em Gaza, insensível para as inequidades gritantes, distraída por tantos afazeres criados para distrair. A falência da política exterior norte-americana, a possibilidade de um revertério, que se iniciaria com a suspensão dos tarifaços, atuação mais discreta e menos abusiva na América do Sul. Fortalecimento do multilateralismo. Falaram de tudo isso, mas esqueceram de fazer menção à questão da eleição do próximo SG das Nações Unida. Antônio Guterres, o atual SG deverá deixar o cargo em 31 de dezembro. A escolha para o próximo SG terá que ser feita antes dessa data, pois os norte-americanos já disseram que não pretendem aceder a eventual prorrogação de Guterres. Acham que Guterres não serve para os seus interesses. Talvez a voz do novo Congresso norte-americano modifica essa postura intolerante. A conferir.

M levantou-se e foi embora, sem se despedir. T, fez o mesmo e seguiu atrás de uma moça que levava sacolas, certamente compras que fizera em alguma loja perto. Fiquei só, com a conta que o garçom me apresentou apressado. Seis cafés, 10 pães de queijo, duas águas mineral, um quindim que ninguém tocou, mais a gorjeta. Fora chovia. Para piorar, havia esquecido o celular em casa. Impossível pedir um Uber. O jeito era molhar-se. Paciência!